

## Notas do Herbário da Estação Florestal Nacional (LISFA): Fasc. XIX

### [1. *De Novarum Flora Lusitana Commentarii* - IV

#### 15. Um exemplar monumental de *Pistacia lentiscus* L. no vale do rio Sabor

Aquando duma visita ao vale do rio Sabor no dia 5 de Outubro de 2003, no termo do Felgar (Concelho de Torre de Moncorvo) mas na margem direita daquele Rio e mais próximo da aldeia de Picões (Concelho de Alfândega da Fé), verificou-se a existência dum exemplar de *Pistacia lentiscus* L., apresentando um considerável porte arbóreo. Localiza-se na ladeira sobranceira à abandonada aldeia de Cilhades, numa altitude estimada entre 300 e 350 m, protegido por uma crista topográfica constituída por vários esporões rochosos, com as Coordenadas aproximadas UTM 29 TPF 693 685.

A árvore é há muito referenciada pela população local, que a designa por "cornalheira". Ora, a cornalheira é espécie do mesmo género, a *Pistacia terebinthus* L., bastante frequente em toda a região, mas com nítidas diferenças morfológicas em relação à primeira, além de *P. lentiscus* ser planta perenifolia, enquanto a *P. terebinthus* perde as folhas durante o inverno.

A observação é notável pois a espécie não está ainda referenciada para a região de Trás-os-Montes e Alto Douro. Ocorre quase exclusivamente no domínio do clima mediterrânico, ou seja nas regiões Centro e Sul de Portugal, pois não resiste a frios muito acentuados. Como foi possível verificar, por ocasião dum levantamento florístico abrangendo grande parte do vale do Baixo Sabor (HOELZER, 2003), parece não existir nenhum indivíduo desta espécie na zona aqui considerada; tão-pouco se encontra registo dela nos herbários de Vila Real e Bragança, relativamente à zona. É curioso ter-se instalado um exemplar completamente isolado em tal altitude e latitude. O facto de a árvore ser designada pelos habitantes da freguesia como cornalheira, que é o nome vernáculo da espécie *P. terebinthus*, pode ser interpretado como mais uma prova da completa ausência (e daí do desconhecimento) desta espécie na zona.

Acresce ainda que o exemplar em questão atingiu porte arbóreo, apresentando um tronco espesso e ramos grossos. Note-se que geralmente a espécie chega a ser um arbusto de apenas um ou dois metros de altura (GONZÁLEZ, 1994). Este exemplar, em termos de diâmetro de copa, tem certamente quatro metros, e a sua altura será de três ou quatro metros (no entanto, não se procedeu ainda às suas medições exactas).

É sabido que esta espécie tem um crescimento muitíssimo lento, o que nos faz crer que se trata de uma árvore com alguns séculos de idade. Além disso, a sua madeira é muito combustível, facto que de uma forma geral limita significativamente tanto a ocorrência como o crescimento da espécie (FONT QUER, 1981). Certamente que a existência desta árvore neste local, se deve a uma conjuntura de circunstâncias favoráveis e excepcionais. Não é por isso de admirar que esta estranha "cornalheira" esteja envolta por uma lenda, relacionada com o zagal Ildefonso e conhecida por "Cornalheira Benta" (MARTINS, 1972).

O vale do rio Sabor revela-se com isto, mais uma vez, enquanto verdadeiro abrigo para o património, tanto cultural como natural. Cabe-nos conservar este património duma maneira prudente.

#### Bibliografia

- FONT QUER, P., 1981. *Plantas Medicinales*. El Dioscórides renovado. Editorial Labor, Barcelona
- GONZÁLEZ, G.L., 1994. *La Guía de INCAFO de los Árboles y Arbustos de la Península Ibérica*. INCAFO, Madrid.
- HOELZER, A., 2003. *Vegetation Ecological Studies at the Lower Course of Sabor River (Trás-os-Montes, NE-Portugal)*. Universidade de Bremen.
- MARTINS, D.S., 1972. "A Cornalheira Benta". In: A Torre, 1972.05.15

André Hoelzer, Largo da Graça 4 - 2º Dtº 1170 - 165 Lisboa; andre\_hoelzer@iol.pt